

FELICI, Maria Serena (ed.) (2021), *Glottodidattica della lingua portoghese: una prospettiva diarônica e sincrônica*. Bracciano: Tuga Edizioni, 205 pp.
ISBN 978-88-99321-39-0

Micaela Ramon

micaelar@elach.uminho.pt

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho

Glottodidattica della lingua portoghese: una prospettiva diarônica e sincrônica é uma obra saída a público, em primeira edição, em dezembro de 2021, que reúne um conjunto de 12 ensaios, escritos em português ou em italiano, da autoria de académicos consagrados e de jovens investigadores, afiliados a reputadas universidades italianas, nas quais se desenvolve pesquisa de alta qualidade em torno da língua portuguesa e suas declinações, ao nível dos estudos linguísticos, literários, históricos e culturais. Os textos publicados conheceram uma primeira versão oral apresentada numa jornada de investigação, realizada a 5 de maio de 2021, por ocasião das celebrações do Dia Mundial da Língua Portuguesa, instituído pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na sua 40.^a Conferência Geral, que decorreu em Paris, em novembro de 2019. Desde então, tal efeméride tem estado na origem da organização de inúmeras iniciativas que visam celebrar a língua portuguesa, tendo em conta os seus múltiplos contextos de uso como língua materna (LM), língua segunda (L2), língua estrangeira (LE) ou língua de herança (LH).

O volume apresenta-se como a obra inaugural de uma nova coleção, dirigida por Maria Antonietta Rossi, sob o sugestivo título “*Portus Cale*”, a qual, nas palavras da diretora, assume como propósito “promuovere, in ambito nazionale ed estero, la divulgazione di studi inerenti diversi filoni di indagine, in particular modo lavori sulla Didattica del Portoghese come Lingua Straniera (LS) e Seconda (L2), sull’Educazione Linguistica e sulla Grammaticografia di matrice lusitana” (p.9). Correspondendo aos objetivos definidos para a coleção, este primeiro volume estrutura-se em três grandes áreas atinentes ao estudo e ao ensino-aprendizagem da língua portuguesa – Gramática, Tradução e Didática –, em torno das quais se congregam quer estudos de natureza teórica, quer propostas metodológicas com uma forte componente de aplicação prática.

O primeiro apartado da obra, designado “Grammaticografia e Didattica”, reúne quatro ensaios, da autoria de Mariagrazia Russo, da Università degli Studi Internazionali di Roma, de Simone Celani, da Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, de Monica Lupetti e Marco Guidi, ambos da Università di Pisa, e de Maria Antonietta Rossi, da Università per Stranieri di Siena. Todos têm em comum o facto de se debruçarem sobre o estudo de textos não contemporâneos,

observando-os nas suas características e contextos originais de produção, mas mostrando as suas potencialidades didáticas, não apenas na(s) época(s) em que foram produzidos, mas também na atualidade.

Mariagrazia Russo passa em revista um conjunto de gramáticas do português, destinadas a italo-falantes, produzidas num lapso de tempo que se estende do século XVII ao século XIX. Tais gramáticas evidenciam fortes preocupações didáticas, apoiando-se em “testo dialogico, religioso o letterario (secondo le epoche prese in considerazione) all’interno del processo metodologico di grammaticalizzazione, di insegnamento della lingua, di avviamento alla comprensione, di esercitazione continua” (p.19). Saindo frequentemente essas gramáticas da pena de autores religiosos, os seus propósitos articulam preocupações linguísticas com intenções catequéticas, afirmando-se quer como proto instrumentos de padronização linguística, quer como modelos de conduta moral. Neste enquadramento, o modelo do texto escrito, e muito particularmente do texto literário, afirma-se como “elemento che funge da stimolo nell’acquisizione della lingua, migliorando lo stile della scrittura, arricchendo il vocabolario, fissando l’ortografia e fornendo quella competenza grammaticale avanzata che aiuta alla riflessione metalinguistica (p.18). O percurso diacrónico levado a cabo pela autora motiva-a a concluir defendendo, no âmbito da didática contemporânea, o recurso ao texto literário como “incentivo alla lettura personale, di gruppo, orientata, per sollecitare al gusto della bellezza della lettura stessa, e non perche nel testo letterario sia necessario trovare strutture sintattiche o morfologiche funzionali a um discorso preordinato o a un esercizio da compiere” (p. 35).

O estudo de Simone Celani incide sobre a designada “storiografia linguistica” e toma por objeto textos metalinguísticos (vulgarmente designados “gramáticas”) de diferentes épocas. Deixando transparecer evidente paixão pelo campo de estudos a que se dedica, o autor elenca um conjunto de argumentos a favor da inclusão de matérias de linguística histórica nos planos de estudos do ensino superior, destacando que, através do contacto com este tipo de textos, o estudante / investigador atual pode acompanhar “il processo, dinamico, problematico, e in costante evoluzione, di categorizzazione di una lingua” ao mesmo tempo que produz “riflessioni specifiche dedicate all’uso della lingua in spazi, tempi, registri o contesti sociali diversi” (p. 41).

Monica Lupetti e Marco Guidi retomam uma das obras também referidas no artigo de Mariagrazia Russo – o *Ristretto di grammatica portoghese ad uso dei Missionari di Propaganda* –, produzida para uso dos padres jesuítas italianos em missão nas Índias Orientais. A existência de obras desta natureza ilustra a máxima cunhada por Antonio de Nebrija, autor da primeira gramática da língua espanhola (1492), que via a “língua como companheira do Império”. Do mesmo passo, faz prova cabal da dimensão do português como língua franca, utilizada em territórios longínquos que se estendiam das costas de África à Ásia. Como escrevem os autores:

A gramática interceta uma necessidade prática de aprendizagem do Português pelos padres italianos que assume um duplo significado: por um lado, era-lhes necessário conhecer o português para poder viajar de uma missão para outra na Ásia, para organizar expedições, e também para abrir canais de comércio; por outro lado, o português funcionava como metalíngua na produção das gramáticas e dos dicionários das línguas orientais redigidos pela maioria dentro das missões jesuítas (p. 55).

Por fim, o artigo de Maria Antonietta Rossi versa sobre a obra *Secretário Português*, de Cândido Lusitano, pseudónimo de Francisco José Freire, o autor da primeira *Arte Poética, ou regras da verdadeira poesia em geral*, escrita em português; e publicada em *editio princeps* em 1748. A obra de que a ensaísta se ocupa tem igualmente um carácter pioneiro, porquanto se trata do “primeiro manual em língua portuguesa do século XVIII «dedicado exclusivamente à prática epistolar»” (p. 69). A pesquisa, de natureza qualitativa e quantitativa, levada a cabo pela investigadora, permite concluir que a obra em apreço, para além da sua óbvia dimensão didática, constitui também um instrumento ao serviço da “política linguística” instituída pelo Marquês de Pombal, que visava “codificar e estabilizar as regras morfosintáticas de funcionamento do português, o idioma que se tinha tornado no instrumento de expressão veicular em quatro continentes” (p.78), feito sobre o qual se alicerça o pluricentrismo hoje reconhecido ao idioma.

A segunda parte do volume que vimos apresentando é dedicada aos estudos de tradução, intitulando-se precisamente “Traduttologia e Testualità”. Nela o leitor encontra três estudos, dois dedicados a questões relacionadas com aspetos da tradução literária, e um outro incidindo sobre estratégias de legendagem de produtos audiovisuais.

Sónia Netto Salomão analisa duas traduções da obra de Italo Calvino, *Palomar*, uma feita por Ivo Barroso, tradutor brasileiro, e a outra, por João Reis, na variedade do português europeu. Centrando a sua atenção nas estratégias de tradução dos idiomatismos (colocações, locuções, refrões, provérbios e expressões idiomáticas propriamente ditas) ativadas por cada um dos tradutores, a autora põe em evidência a complexidade da tarefa do tradutor, a qual exige múltiplos conhecimentos, vasta prática e sensibilidade linguístico-cultural apurada. Cumulativamente, os exemplos por ela arrolados constituem manifestações autênticas da variedade intralinguística do português, nomeadamente no que concerne às duas normas oficiais reconhecidas: a do português brasileiro e a do português europeu.

Também tomando por objeto de estudo manifestações artísticas da língua portuguesa na variedade brasileira, Gian Luigi De Rosa, da Università degli Studi Roma Tre, desenvolve um estudo sobre práticas de legendagem da série televisiva brasileira *Irmandade*. Tratando-se de um produto televisivo em que a língua padrão é maioritariamente substituída pelo calão, os desafios colocados ao

tradutor excedem em muito a capacidade de encontrar os melhores equivalentes semânticos para o par português / italiano (PT / IT); pelo contrário, colocam-no perante a necessidade de fazer opções de natureza “pragmatici e culturali quelli in cui si deve muovere il traduttore nella sua ricerca del traducecente piú adeguato sociolinguisticamente” (p. 111).

Já Maria Serena Felici, da Università degli Studi Internazionale di Roma, elege a obra do brasileiro Monteiro Lobata, *Emília no País da Gramática*, publicada em 1934, argumentando tratar-se de uma criação ficcional narrativa de fundo metalinguístico que, recuperando aliás uma tradição que remonta pelo menos às práticas pedagógicas dos jesuítas, visa fomentar o ensino lúdico da gramática, no caso em apreço transformando as “partes do discurso” em protagonistas do enredo da obra. Desta forma se atualiza a máxima da poética clássica que aconselha a associar o útil ao agradável: *docere et delectare*.

A última secção do volume é dedicada a questões de natureza didático-metodológicas, apresentadas sob dois subtítulos: “Metodologie Didattiche” e “Didattica e Proposte Applicative”. A opção editorial não nos parece, no entanto, a mais adequada ao conteúdo dos artigos que integram cada uma das partes. A nosso ver, o interessante artigo de Roberto Mullinacci, da Università di Bolonha, não versa sobre questões didáticas e/ou metodológicas; antes se atém a problemas relacionados com o estatuto da língua portuguesa no concerto global das línguas, tendo em conta os países em que é língua oficial O linguista passa em revista o conceito de pluricentrismo quando aplicado ao português. Depois de, apoiando-se em autores de referência, de entre os quais se destacam M. Clyne e R. Muhr, elencar os critérios que definem uma língua pluricêntrica, Mullinacci aplica-os à realidade do português, argumentando que, se do ponto de vista geográfico-nacional o pluricentrismo deste idioma é uma evidência, já quando escrutinado sob o parâmetro da padronização, o panorama apresenta-se muito desigual. Na verdade, apenas Portugal e o Brasil se podem considerar centros plenos de codificação da língua (ainda que sem reciprocidade total entre si), ao passo que Angola e Moçambique seriam semicentros, pois, “a despeito do considerável volume de estudos inerentes a esta[s] variedade[s]” (p. 138), revelam-se ainda países predominantemente exonormativos, apoiando-se na norma portuguesa que “continua fornecendo todos os códigos prescritivos a serem adotados em sala de aula” (p. 138). Em posição ainda diferente, segundo o autor, encontram-se as “demais comunidades de fala da Lusofonia (São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné Bissau e Timor-Leste), [pois], apesar de às vezes acontecer de seus códigos ou modelos não serem integralmente exógenos, o exíguo peso demográfico delas, juntamente com a reduzida distância linguística das suas variantes locais em relação à norma-padrão do português, tornam problemático (...) rotulá-las de «centros»” (pp. 138-139). Embora dados recentes apontem para a emergência também de instrumentos de normalização da variedade linguística falada em São Tomé e Príncipe, de entre os quais sobressai o Vocabulário Ortográfico Nacional

de São Tomé e Príncipe (VON-STP), de um modo geral, a análise do autor parece-nos acertada, sobretudo se se tiver em conta as situações de Cabo Verde, da Guiné Bissau e de Timor-Leste, territórios nos quais os falantes parecem desinteressados em codificar uma norma própria do português, mostrando-se antes empenhados em garantir o reconhecimento pleno das suas línguas autóctones de união nacional – o crioulo cabo-verdiano, o crioulo guineense e o tétum -, sendo que este último goza mesmo do estatuto de língua co-oficial, partilhando tal estatuto com o português.

Os quatro artigos que encerram a coletânea – “Errori fossilizzati in livelli avanzati di portoghese LS”, “Valorizando os aspectos comunicativos na didáctica do PLE”, “Aprendizagem móvel em PLE – propostas de didática colaborativa em tempo de pandemia” e “A música como recurso para o ensino do Português como Língua Estrangeira a estudantes itálofonos em contexto universitário” – têm em comum o facto de serem motivados pelas práticas de sala de aula, incidindo sobre aspetos complementares do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, o foco do trabalho de Vanessa Castagna, da Università Ca’Foscari Venezia, incide sobre produções escritas de estudantes itálofonos de PLE, de nível avançado, nas quais a autora observa fenómenos de transferência negativa entre ambos os sistemas linguísticos, o que se traduz na fossilização de estruturas desviantes. A partir do comentário e interpretação dos dados recolhidos, Vanessa Castagna defende que os erros podem ser encarados, tanto por professores, como pelos próprios alunos, como “un’importante opportunità di riflessine didattica e di miglioramento” (p.163) das competências linguísticas dos estudantes, no sentido de aprimorar continuamente o seu nível de proficiência na língua-alvo.

O artigo de Salvador Pippa, malgrado docente da Università degli Studi Roma Tre, apresenta uma proposta metodológica com vista a promover um salto qualitativo no processo de ensino-aprendizagem de PLE que vise não apenas “consolidar estritamente as habilidades linguísticas, como o conhecimento da fonética, vocabulário ou sintaxe da língua, mas que permita aos aprendizes melhorar suas habilidades sociolinguísticas e a eficácia pragmática em interações específicas, sejam elas escritas ou faladas” (p. 167).

Os contributos de Filipa Matos e de Matteo Pupillo exploram recursos específicos para o ensino de PLE, mais concretamente o telemóvel, como ambiente digital de aprendizagem, e as canções, como recursos para a estruturação de sequências didática e a congénere criação de tarefas de aprendizagem. Em ambos os casos trata-se de propostas com um cariz eminentemente prático que, sem deixarem de enquadrar teoricamente as sugestões mostradas, pretendem partilhar experiências replicáveis noutros contextos e por outros atores.

Na sua heterogeneidade e multiplicidade, a obra *Glottodidattica della Lingua Portoghese: una prospettiva diacronica e sincronica* cumpre o que o título promete. Reunindo contributos de investigadores e docentes de diversas gerações e instituições de origem, o leitor pode encontrar neste volume abordagens teóricas

e propostas práticas que, como afirma Maria Antonietta Rossi no paratexto de apresentação, incitam a “una riflessione caleidoscopica tra studiosi affermati e giovani ricercatori sull’idioma lusitano in quanto entità pluricentrica e dinamica” (p.9). A leitura dos textos que o integram propicia uma visão plurifacetada deste idioma, património comum de uma comunidade de países e regiões que o têm como língua oficial, nas suas especificidades e idiosincrasias próprias, tanto puramente linguísticas, como socioculturais, num arco temporal que, remontando ao período de expansão e disseminação da “língua dos portugueses”, se estende até à atualidade da Lusofonia, entendida como a vasta comunidade de todos os que falam português, seja como língua materna, língua segunda, língua de herança ou língua estrangeira, garantindo deste modo a vitalidade do português, para cuja promoção a qualidade da investigação e das práticas de ensino nas universidades italianas muito contribuem.